

CRÔNICAS DE UMA CIDADE PARTIDA: LIMA BARRETO E O RIO DE JANEIRO DA BELLE ÉPOQUE

Thaís Bartolomeu Barcellos de Melo (UFF)¹

Resumo: Lima Barreto, diferente de cronistas que enalteciam as vertiginosas transformações urbanas que tomavam conta do Rio no início do século XX, optou por uma postura crítica em relação ao projeto modernizador que passou a ser implementado na cidade, especialmente a partir do governo de Pereira Passos. Em sua escrita ativista, Lima explicita as rasuras de um projeto que não incluía melhorias em toda cidade, mas apenas em parte dela. O presente artigo tem, portanto, como objetivo explorar a representação do Rio de Janeiro na *Belle Époque* como uma cidade partida, excludente e excluída, nas crônicas de Lima Barreto.

Palavras-chave: Crônica; Lima Barreto; Belle Époque

A *Belle Époque* no Rio de Janeiro: um breve quadro

A partir da proclamação da República via golpe militar no Brasil em 1889, diversas medidas começaram a ser tomadas no sentido de dar ao país um status de país moderno, o que incluía o apagamento de um passado colonial e monárquico. Este passa, portanto, a ser o marco que estabelece o início da *Belle Époque* no Brasil, que vai durar até o final da chamada República Velha em 1930. O Rio de Janeiro figura como palco principal das grandes transformações que estavam por chegar, agora já não mais como corte e sim como capital da República.

Com a chegada do novo século, e com ele novas tecnologias e descobertas científicas, chega também a era das grandes reformas urbanas. Em 1902 a presidência do Brasil é ocupada por Rodrigues Alves que permanece no cargo até 1906, enquanto a prefeitura do Rio de Janeiro fica nas mãos de Pereira Passos pelo mesmo período.

Durante estes quatro anos o Rio de Janeiro viveu um momento histórico que ficou conhecido como “bota-abaixo” devido às medidas enérgicas do então prefeito de destruir diversos cortiços localizados na região central da cidade para que as estreitas vielas pudessem dar lugar a largos *boulevares* e, especialmente, a Avenida Central (atual Avenida Rio Branco). Em sua introdução à coletânea bilaquiana *Registro: crônicas da Belle Époque carioca*, Álvaro Simões Santos Jr. salienta que

A reforma urbana do Rio de Janeiro custou muito caro para as classes populares, que foram praticamente expulsas do centro e se viram obrigadas a arcar com despesas de transporte e aluguéis mais caros.

¹ Graduada em Letras (UFF), Mestre em Estudos de Literatura (UFF), Doutoranda em Literatura Comparada. Contato: thaisbartolomeu@hotmail.com.

Cerca de 20 mil pessoas ficaram desalojadas com a demolição de cerca de 1.800 prédios. Quando o governo republicano apresentou o projeto de vacinação obrigatória contra a varíola, boa parte da população expressou seu descontentamento em *meetings* que foram violentamente reprimidos pela polícia.(...) (BILAC, 2011, p.34)

Pereira Passos era engenheiro e estudou em Paris de 1857 até 1860. Durante este período, a cidade passou por uma reforma urbanística intensa liderada pelo Barão Haussmann, figura admirada por Passos. Décadas mais tarde, Pereira Passos coordenaria uma reforma semelhante na cidade do Rio de Janeiro, todavia, enquanto em Paris tais reformas tinham razões majoritariamente militares, no caso do Rio a razão seria inicialmente sanitária, mas, como viria a ser constatado, principalmente estética.

Oswaldo Cruz inicia a campanha pela extinção da febre amarela e o prefeito Pereira Passos vai tornar-se o Barão Haussmann do Rio de Janeiro, modernizando a velha cidade colonial de ruas estreitas e tortuosas. Com uma diferença: Haussmann remodelou Paris, tendo em vista objetivos político-militares, dando aos bulevares um traçado estratégico, a fim de evitar as barricadas das revoluções liberais de 1830 e 48; enquanto o plano de Pereira Passos se orientava pelos fins exclusivamente progressistas de emprestar ao Rio uma fisionomia parisiense, um aspecto de cidade européia. Foi o período do ‘Bota-abaixo’. (BROCA,1975, p.3).

O argumento sanitarista, que fez com que centenas de famílias ficassem desabrigadas devido à destruição de diversos cortiços naquele início de século, cai por terra quando entendemos que problemas de saúde pública como a falta de saneamento básico, por exemplo, não foram de fato solucionados, apenas transferidos de lugar. Nas favelas e nos subúrbios que começaram a surgir neste período, grande parte da população continuava sem acesso a água potável ou rede de esgoto.

Este “furor demolidor” não ocorreu apenas nos anos iniciais do século XX, mesmo após o final do governo de Pereira Passos, outros prefeitos deram continuidade ao seu projeto urbanístico, transformando o Centro do Rio em um grande canteiro de obras por quase duas décadas.

Diferente de nomes como Coelho Neto e Olavo Bilac que enalteciam as “marretas regeneradoras”, uma vez que aqueles viam em tal projeto a chance de transformar por inteiro a cidade do Rio, Lima Barreto (1881 – 1922) foi um forte opositor das reformas da maneira como eram conduzidas, uma vez que viveu toda a sua

vida adulta naquele contexto de modernização, porém morando ao lado dos excluídos no subúrbio de Todos os Santos, transitando sempre entre dois Rios tão distintos.

Em 1911 em sua crônica intitulada “O convento”, Lima Barreto expressa sua indignação quanto à demolição do Convento da Ajuda, que ficava então localizado na região da Avenida Central.

Noticiaram os jornais, com pompa de fotogravuras e alarde de sabenças históricas, que o Convento da Ajuda, aquele ali da Avenida, fora vendido a alguns ingleses e americanos pela bela quantia de cinquenta contos.

Houve grande contentamento nos arraiais dos estetas urbanos por tal fato. Vai-se o monstrengo, diziam eles (...). (BARRETO, vol. 1, 2004, p.98)

Nesta crônica Lima Barreto começa por denunciar o excessivo culto ao belo como algo prejudicial à cidade, na medida em que prédios de valor histórico também iam sendo demolidos com o pretexto do embelezamento da cidade: “O bonito envelhece, e bem depressa; e eu creio que, daqui há cem anos, os estetas urbanos reclamarão a demolição do Teatro Municipal com o mesmo afã com que os meus contemporâneos reclamaram a do convento.” (BARRETO, vol. 1, 2004, p. 98)

Ao contrário daqueles a quem cita nesta crônica, que se alegraram com a notícia de que uma construção considerada ultrapassada já não mais permaneceria ali dando um aspecto feio à bela avenida, Lima vê em mais esta demolição o apagamento de um ícone do passado que conta um pouco da história do Rio de Janeiro: “(...) não se pode compreender uma cidade sem esses marcos de sua vida anterior, sem esses anais de pedra que contam a sua história.”(BARRETO, vol.1, 2004, p.100)

Lima Barreto se posicionava contrário à postura que alegava que tudo era válido em nome do progresso e que tais vestígios de passado deveriam ser de fato apagados. Segundo expressa nesta crônica, eram outras as marcas de passado que deveriam ser apagadas e, no entanto, eram precisamente elas que permaneciam ainda arraigadas na sociedade de então:

Ainda são a crueldade e o autoritarismo romanos que ditam inconscientemente as nossas leis; ainda é a imbecil honra dos bandidos feudais, barões, duques, marqueses, que determina a nossa taxinomia social, as nossas relações de família, e de sexo para sexo; ainda são as coisas de fazenda, com senzalas, sinhás-moças e mucamas, que regulam as ideias da nossa diplomacia; ainda é,

portanto, o passado, daqui, dali, dacolá que governa, não direi as ideias, mas os nossos sentimentos. É por isso que eu não gosto do passado (...). (BARRETO, vol.1, 2004, p.100)

Lima chama atenção nesta crônica para a questão da aparência x essência, tema muito presente em sua obra literária de um modo geral, mostrando que de nada valeria mudar por fora enquanto nas relações tudo permanecesse como antes. Podemos ler ainda esta crítica também em relação à própria República que, diferente do que propagava, em diversos aspectos negativos ainda permanecia muito semelhante ao regime monárquico. Nesta incisiva crítica, Lima Barreto põe em xeque os preceitos de uma suposta modernidade que então se buscava alcançar.

Modernização ou modernidade?

Modernidade, modernização e até mesmo modernismo são expressões que, por vezes, são utilizadas quase como sinônimos mas que, na verdade, referem-se a diferentes questões. Para prosseguirmos na análise proposta é importante que se compreenda que o Rio de Janeiro da *Belle Époque* não experimentou de fato a modernidade, mas apenas um processo de modernização.

Modernização (...) refere-se a esse processo dinâmico, de passagem, que ocorre com a sociedade, gerando “turbilhão”, que seriam processos importantes nesse momento, como: descobertas científicas, industrialização, expansão urbana, os Estados Nacionais, movimentos de massa, um mercado mundial capitalista etc.

Temos, ainda, a definição de Modernidade, que, segundo Perry Anderson (1984), é o termo do meio, que está entre modernização e modernismo. Nem processo econômico, nem visão cultural, mas a experiência histórica, a mediação entre um e outro.

Segundo Parreiras (2001), a Modernidade é um movimento de industrialização, urbanização e expansão, fundado com o primado da razão, totalmente ligado ao processo capitalista. (JUNIOR e FERNANDEZ, 2013, p.21)

Uma vez que, como vimos na crônica estudada no tópico anterior, o processo de modernização não trouxe consigo uma reformulação de conceitos e ideologias, a modernidade como apresentada nas citações acima não se consolidou no Rio de Janeiro.

Este aspecto da *Belle Époque* carioca é explicitado em crônicas em que Lima Barreto revela a existência de um simulacro de modernidade, uma espécie de máscara francesa colocada sobre o país que permanecia atrasado.

(...) esse processo de modernização do país, que se mostra como uma tentativa de manutenção de poder por parte de uma sociedade conservadora, não obtém o sucesso esperado. A arquitetura aqui construída e montada para demonstrar esta modernização é o maior exemplo disto. Ela demonstra uma fachada “civilizada”, mas, por dentro, uma sociedade ainda atrasada, envolta por um passado colonial e escravista, com uma elite dominante e que não se desvencilhará tão facilmente deste histórico. Ou seja, temos uma tentativa de modernização, mas a modernidade, fundada como o primado da razão, uma experiência histórica, onde há uma reformulação de conceitos e hábitos de uma sociedade, um esfacelamento de suas antigas crenças e valores, não acontece de fato. (JUNIOR e FERNANDEZ, 2013, p. 31)

Na crônica “As enchentes”, publicada em 19 de janeiro de 1915 (texto que cito aqui integralmente), Lima expõe toda a sua indignação a respeito deste problema antigo da cidade do Rio de Janeiro:

As chuvaradas de verão, quase todos os anos, causam no nosso Rio de Janeiro, inundações desastrosas.

Além da suspensão total do tráfego, com uma prejudicial interrupção das comunicações entre os vários pontos da cidade, essas inundações causam desastres pessoais lamentáveis, muitas perdas de haveres e destruição de imóveis.

De há muito que a nossa engenharia municipal se devia ter compenetrado do dever de evitar tais acidentes urbanos.

Uma arte tão ousada e quase tão perfeita, como é a engenharia, não deve julgar irresolvível tão simples problema.

O Rio de Janeiro, da avenida, dos *squares*, dos freios elétricos, não pode estar à mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida integral.

Como está acontecendo atualmente, ele é função da chuva. Uma vergonha!

Não sei nada de engenharia, mas, pelo que me dizem os entendidos, o problema não é tão difícil de resolver como parece fazerem constar os engenheiros municipais, procrastinando a solução da questão.

O Prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descurou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio.

Cidade cercada de montanhas e entre montanhas, que recebe violentamente grandes precipitações atmosféricas, o seu principal defeito a vencer era esse acidente das inundações.

Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social. (BARRETO, vol.1, 2004, p. 159)

Nesta crônica tão direta e ainda tão atual, Lima Barreto denuncia mais uma rasura no projeto modernizador: além de não ter dado conta de transformações de

aspectos relativos ao campo ideológico, ainda foi falho até mesmo nas reformas urbanas da região central da cidade. A excessiva preocupação dos responsáveis pelas reformas em seguir um modelo francês fez com que até mesmo aspectos geográficos da cidade do Rio de Janeiro fossem desconsiderados.

Como veremos a seguir, a aparente modernidade do Rio também foi questionada por Lima Barreto através da figura dos excluídos, cidadãos a quem o progresso não alcançou, que ficaram às margens do processo de modernização.

Um novo rio para quem?

Lima Barreto foi voz dissonante em meio àqueles, em acordo com concepções lamarquianas, acreditavam em uma possível regeneração da ‘incivilizada’ população do Rio de Janeiro a partir de uma transformação do meio. Esta concepção fez parte do ideal de Pereira Passos, que entendia questões como o acentuado nível de analfabetismo, os ‘maus hábitos’ da população mais pobre (como andar descalço e cuspir no chão) e o desconhecimento de uma cultura erudita (essencialmente europeia) estavam associadas à falta de elementos na cidade que remetessem a estes saberes.

Na tentativa de impor “civilidade” ao habitante da urbe, Pereira Passos vai emitindo, ao longo de sua gestão, uma série de proibições relativas a práticas urbanas comuns na cidade: proíbe que se cuspa na rua e nos bondes, proíbe a vadiagem de caninos, proíbe que se façam fogueiras nas vias da cidade, que se soltem balões, proíbe a venda ambulante de loterias, de exposição de carnes à venda nas ruas, também proíbe o trânsito de vacas leiteiras na cidade e andar descalço e sem camisa.

(...)

Passos considerava que o papel de espaço exemplar da civilização caberia ao Centro do Rio de Janeiro, pois nele estariam a Faculdade de Medicina, a Escola Politécnica, o comércio, os teatros, teatros líricos, a Escola de Música, a Escola de Belas Artes e todas as principais referências da cultura europeia na cidade. (AZEVEDO, 2015, p. 167)

Em 13 de janeiro de 1915, Lima Barreto publicou no periódico *Correio da Noite* a crônica a “A biblioteca” em que vai criticar este pensamento dominante. Naquele período, a prefeitura do Rio estava sob o governo de Rivadávia da Cunha Correia, mas a ideologia de Passos ainda permancia. Nesta crônica, Lima aponta que além de não obterem o resultado esperado, as construções suntuosas na região central do Rio ainda poderiam acabar causando o efeito contrário, afastando ainda mais a população já marginalizada.

O Estado tem curiosas concepções, e esta, de abrigar uma casa de instrução, destinada aos pobres-diabos, em um palácio intimidador, é das mais curiosas.

Ninguém compreende que se subam as escadas de Versalhes senão de calção, espadim e meias de seda, não se pode compreender subindo os degraus da Ópera, do Garnier, mulheres sem decote e colares de brilhantes, de mil francos; como é que o Estado quer que os malvestidos, os tristes, os que não tem livros caros, os maltrapilhos “fazedores de diamantes” avancem por escadarias suntuosas, para consultar uma obra rara (...)? (BARRETO, vol. 1, 2004, p.149)

Em “O Conselho Municipal e a Arte”, crônica publicada em 19 de junho de 1920 no periódico *O Careta*, Lima Barreto faz mais uma crítica contundente, dessa vez àquele que foi um dos grandes símbolos da *Belle Époque* no Rio de Janeiro: o Teatro Municipal.

(...) para o povo não tem serventia alguma, pois é luxuoso demais; para a arte dramática nacional, de nada serve, pois é vasto em demasia e os amadores dela são poucos; mas custou cerca de doze mil contos, fora o preço dos remendos. Enriqueceu muita gente. Tem servido para que uma burguesia rica, ou que se finge rica, exiba suas mulheres e filhas, suas jóias e seus vestidos, em espetáculos de companhias estrangeiras, líricas ou não, para o que o pobre mulato pé no chão, que colhe bananas em Guaratiba, contribui sob a forma de subvenção municipal às referidas companhias. Povo? Níqueis. No porão, sob o olhar de cornudos touros de faiança, todas as noites as cocotes chics e os rapazes ricos se embriagam, perfeitamente à parisiense. Para isto, não era preciso gastar tanto dinheiro e amolar o povo com a sua educação. (BARRETO, vol. 2, 2004, p. 198)

Nestes trechos percebemos que a crítica de Lima vai além do excesso de exuberância do prédio em si. O autor trata aqui também do excessivo gasto de dinheiro público e explicita o quanto, na verdade, tanto a Biblioteca quanto o Teatro não eram obras realizadas para que o povo pudesse ter acesso a novos saberes. Tais obras faziam parte de um projeto que se mostrava cada vez mais essencialmente estético e excludente.

Como aponta o autor, aquele novo Rio, que estava sendo construído à custa de muitas dívidas e da perda de diversos prédios que compunham a história nacional, era um Rio que apenas a elite poderia desfrutar. Aos pobres, marginalizados e analfabetos restavam as regiões periféricas da cidade, restava o subúrbio.

Subúrbio X Centro

A cidade partida nas crônicas de Lima Barreto revela-se em certos textos pela separação social entre duas categorias de cidadãos: de um lado aqueles pertencentes à classe média ou alta que viviam na região Central do Rio de Janeiro e que, portanto, podiam desfrutar da modernização e do embelezamento da cidade; de outro, os pertencentes à classe média baixa (como era o caso do próprio Lima) e os pobres, analfabetos, com trabalhos informais ou até mesmo sem trabalho algum.

Este segundo grupo ocupava as regiões de subúrbio, os morros próximos a região central da cidade ou regiões mais isoladas, consideradas então como rurais (como é o caso de Guaratiba que o autor cita em uma das crônicas que vimos neste estudo). Por ter sido, durante toda a sua vida, morador do subúrbio de Todos os Santos, a vida nesta parte da cidade, especialmente em contraste com a vida no Centro, torna-se tema frequente em suas crônicas.

Enquanto outros escritores e jornalistas do início do século XX apresentavam uma visão do subúrbio por meio de expedições, Lima falava de uma realidade que também era sua. Por isso, ao retratar o subúrbio em suas obras, o escritor assume um papel que vai além do de escritor-*flâneur*.

Para o autor (...) era inaceitável o fato de que a municipalidade investisse tanto em obras que fossem voltadas para o culto às fachadas e às aparências quando as próprias andanças do literato pelos subúrbios eram cada vez mais marcadas por tropeções dados em pedregulhos nos calçamentos das ruas, devido ao péssimo estado de conservação. (AZEVEDO NETO, 2011, p. 112 – 13)

Na crônica “De Cascadura ao Garnier”, publicada em 29 de julho de 1922 na revista *Careta*, Lima Barreto traça um paralelo entre o espaço do subúrbio e do Centro por meio da figura do trem, meio de transporte que, em certa medida, conectava a cidade partida:

Embarco em Cascadura. É de manhã. O bonde se enche de moças de todas as cores com os vestuários de todas as cores. Vou ocupar o banco da frente, junto ao motorneiro. Quem é ele? É o mais popular da linha. É o "Titio Arrelia" - um crioulo forte, espadaúdo, feio, mas simpático. Ele vai manobrando com as manivelas e deitando pilhérias, para um lado e para outro.
(...)

Ele percorre uma parte da cidade que até agora era completamente desconhecida. Em grande trecho, perluastra a velha Estrada Real de Santa Cruz, que até bem pouco vivia esquecida.

Entretanto, essa trilha lamacenta que, preguiçosamente, a Prefeitura Municipal vai melhorando, viu carruagens de reis, de príncipes e imperadores. Veio a Estrada de Ferro e matou-a, como diz o povo. (...) A Light, porém, com o seu bonde de "Cascadura" descobriu-a de novo e hoje, por ela toda, há um sopro de renascimento, uma palpitação de vida urbana, embora os bacorinhos, a fuçar a lama, e as cabras, a pastar pelas suas margens, ainda lhe dêem muito do seu primitivo ar rural de antanho.

Mas... o bonde de Cascadura corre; "Titio Arrelia", manejando o "controle", vai deitando pilhérias, para a direita e para a esquerda; ele já não se contenta com o tímpano; assovia como os cocheiros dos tempos dos bondes de burro; e eu vejo delinear-se uma nova e irregular cidade, por aqueles capinzais que já foram canaviais; contemplo aquelas velhas casas de fazenda que se erguem no cimo das meias-laranjas; e penso no passado.

No passado! Mas... o passado é um veneno. Fujo dele, de pensar nele e o bonde entra com toda a força na embocadura do Mangue. A usina do Gás fica ali e olho aquelas chaminés, aqueles guindastes, aquele amontoado de carvão de pedra. Mais adiante, meus olhos topam com medas de manganês... E o bonde corre, mas "Titio Arrelia" não diz mais pilhérias, nem assovia. Limita-se muito civilizadamente a tanger o tímpano regulamentar. Estamos em pleno Mangue, cujas palmeiras farfalham mansamente, sob um céu ingratamente nevoento. Estamos no Largo de São Francisco. Desço. Penetro pela rua do Ouvidor. Onde os seus bácoros, as suas cabras, os seus galos e os seus capinzais? Não sei ou esqueci-me. (BARRETO, vol. 2, 2004, p. 150 -1)

Por meio da ironia, o autor ressalta tensões entre o novo e o antigo, diferenças entre o modernizado Centro e o ainda colonial subúrbio. Lima revela a falta de uma estrutura urbana mínima (como ruas asfaltadas) na região marginalizada por onde o trem passa e em seguida contrasta com a Rua do Ouvidor, ambiente em os aspectos bárbaros do Rio de Janeiro não se fazem presentes. Neste ambiente era fácil esquecer que havia um outro Rio nada glamoroso. A própria postura do condutor do trem conforme é narrada na crônica denota a necessidade do morador do subúrbio de tentar 'comportar-se civilizadamente' quando frequenta o Rio civilizado.

Na medida em que Lima eleva o subúrbio à categoria de cenário distinto (...) acaba promovendo um verdadeiro deslocamento estético na literatura brasileira produzida até então, em que todo o universo esquecido pela arte é colocado em primeiro plano. Além disso, com Lima Barreto assiste-se ao que um crítico definiu como o "triunfo do meio ambiente como personagem",

destacando a importância da ambientação suburbana para a sua produção ficcional. (SILVA, 2006, p.70)

Considerações finais

Há um dito bastante popular que afirma que “é preciso olhar para o passado para entender o presente”. Isto se confirma quando lemos Lima Barreto.

Após uma breve análise de algumas das inúmeras crônicas do escritor em que o Rio de Janeiro aparece como uma cidade partida, já se torna possível traçar uma série de paralelos entre questões sociais daquela época e da nossa. Não é sem razão que crônicas e até mesmo romances de Lima Barreto são ainda hoje objeto de estudo de pesquisadores não apenas da Literatura, como também da História, Sociologia, Antropologia e áreas afins.

Olhar para o Rio de Janeiro das reformas, do ‘bota-abaixo’, do sanitarismo através da palavra de quem viveu tudo aquilo proporciona ao leitor uma nova perspectiva sobre o Rio do VLT, dos grandes eventos mundiais, mas que também ainda é o Rio das enchentes, dos vendedores ambulantes, dos migrantes sem moradia e dos excluídos por gerações e gerações.

Bibliografia

AZEVEDO, André Nunes. “A Reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração conservadora”. In: *Tempos Históricos*. v. 19, n. 2, 2015.

Disponível em <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/12480>> último acesso em 20 de junho de 2017.

AZEVEDO NETO, Joachin. *Uma outra face da Belle Époque carioca: O cotidiano dos subúrbios nas crônicas de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011

BARRETO, Lima. *Toda Crônica*. Vol. 1 (1890-1919). Apresentação e notas de Beatriz Resende; organização de Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

_____. *Toda Crônica*. Vol. 2 (1919 - 1922). Apresentação e notas de Beatriz Resende; organização de Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BILAC, Olavo. *Registro: crônicas da Belle Époque carioca*. Organização, introdução e notas de Álvaro Santos Simões Jr. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil- 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004.

JÚNIOR, Sérgio Luiz Milagre; FERNADEZ, Tabatha de Faria. “A Belle Époque Brasileira: as transformações urbanas no Rio de Janeiro e a sua tentativa de modernização no século XIX.” In: *Revista História em curso*. v.3, n.3 , 2013. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/historiaemcurso/article/view/5337>> último acesso em 19 de junho 2017.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau (org). *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Maurício. *A hélade e o subúrbio: confrontos literários na Belle Époque carioca*. São Paulo: Editora da USP, 2006.